

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49  
LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

Instituto, R. Jardim Regedor, 13 e 15

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Johannes Brahms — Musica Religiosa —  
Concertos — Colyseu dos Recreios — D. Luiza Burnay  
— Notas Vagas — Noticiario — Necrologia.

## JOHANNES BRAHMS

JOHANNES Brahms nasceu em Hamburgo a 7 de maio de 1833. Filho de um tocador de contrabaixo na orchestra d'aquella cidade, começou muito cedo os estudos da arte, debaixo de uma direcção séria e cuidadosa; aprendeu violoncello e trompa, dedicando-se ao mesmo tempo com mais especialidade ao piano, de sorte que tendo apenas quatorze annos deu um concerto publico executando n'esse instrumento uma composição sua. Teve por principal mestre o pianista e compositor Eduardo Marxen. Em 1853 empreendeu com o violinista húngaro Reményi, uma excursão artistica pela Allemaña; durante essa excursão relacionou-se com Joachim e Liszt, que muito o animaram a proseguir nos estudos, incitando o a que fosse tomar conselhos de Roberto Schumann, o qual n'essa occasião estava em Dusseldorf.

Foi, com effeito, e esta resolução teve uma influencia decisiva na sua vida artistica; Schumann enhusiasmou-se por elle e publicou na *Neue Zeitschrift für Musik* (Nova Gazeta Musical), em outubro de 1853, um artigo extremamente encomiastico em que lhe chamava um «Messias da Musica», e lhe dirigiu a prophécia *Tu Marcellus eris,*

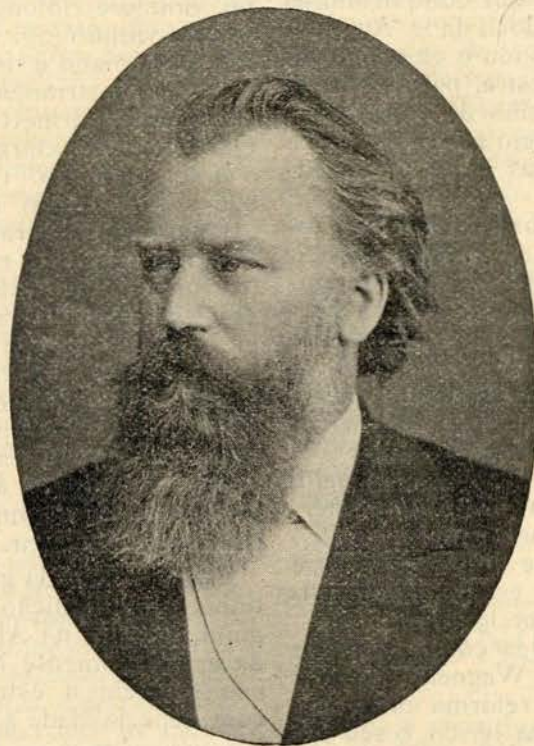
a qual d'esta vez não falhou como a de Virgilio.

Em 1854 aceitou o lugar de mestre de capella do principe Lippe Detmold; n'esta época tinha já escripto algumas obras de merecimento: tres *Sonatas* e um *Scherzo* para piano, varios *Lieder*, um *Trio* para piano, violino e violoncello, *Variações* sobre um thema de Schumann. Depois de ter estado

algum tempo ao serviço do principe de Lippe Detmold, retomou a vida de concertista viajante tão predilecta dos musicos allemães, e por varias vezes esteve na Suissa onde era muito bem recebido. De 1859 a 1862 produziu algumas obras notaveis; entre ellas duas *Serenatas* para orchestra, duas colleções de *Lieder*, e superiores a todas os dois maravilhosos *Sestettos* para instrumentos de cordas.

N'esse anno de 1862 resolveu fixar-se em Vienna, e aceitou o lugar de director da *Singkademie* (Academia de canto), instituição de canto coral annexa á «Sociedade

dos amigos da Musica»; debaixo da sua habil direcção, em que se empenhou com um grande ardor e tendo em vista a arte mais pura e elevada, tomaram o primeiro lugar nos concertos d'aquella notavel Sociedade as melhores paginas de Bach, Beethoven e Schumann. Voltou porém, dois annos depois ás peregrinações artisticas residindo ora em Bade, ora em Colonia e na Suissa. Até 1869 terminou a cantata *Rinaldo*, compoz grande numero de *Lieder*, fez editar os dois quar-





tettos para instrumentos de cordas, a *Rapsodia* para contralto, c6ros e orchestra (op. 53), e as *Valsas cantadas*. J6 suficientemente conhecido e admirado, voltou a Vienna em 1869 para ahi se estabelecer definitivamente. Foi n'esta cidade que se ouviram pela primeira vez alguns trechos do celebre *Requiem allem6o*, que 6 considerado a sua obra prima. Pela mesma 6poca publicou varias outras composi66es importantes, taes como o qui tetto com piano, op. 34, e as primeiras collec66es das celeberrimas *Dansas hungaras* t6o vulgari-adas em todo o mundo.

A Sociedade dos amigos da Musica offreceu-lhe o logar de seu director tecnico, logar que desempenhou desde 1872 at6 1875; Brahms por6m, apezar da sua grande competencia artistica e como succede com quasi todas as naturezas especialmente creadoras, n6o possuia todos os dotes necessarios a um director, faltando-lhe sobretudo a paciencia e benevolencia que conquistam os animos dispondo-os 6 docilidade. Ao cabo de quatro annos abandonou o exercicio effectivo de chefe d'orchestra, para se entregar totalmente ao trabalho de compositor; d'ahi por diante s6 dirigiu algumas vezes a execu66o das suas obras mais importantes.

Valiosos foram os trabalhos d'este periodo, que progressivamente o collocaram acima de todos os musicos allem6es contemporaneos; diversos trechos coraes, subrahindo entre elles o *Triumphlied* (Canto de triumpho), composto sobre palavras extrahidas do Apocalypse e destinado a celebrar o triumpho allem6o na guerra de 1870-71; as duas *Symphonias* em d6 menor (op. 68) e em re maior (op. 73); um *Quartetto* para instrumentos de cordas (op. 67), o terceiro quartetto com piano (op. 69), a bellissima *Sonata* para piano e violino (op. 78), e o *Concerto* para violino escripto especialmente para ser tocado por Joachim.

Brahms adoptou um ideal completamente opposto ao de Ricardo Wagner; ao passo que este trabalhava na reforma da musica theatral, creando o drama lyrico, o seu oppositor elevava a musica exclusivamente symphonica, despidida do apparatus scenico, da ac66o dramatica, a musica, enfim, que procura interessar e commover o auditor o s6 pela pura combina66o dos sons, que se dirige aos espiritos mais cultos e mais profundos. Por isso nem uma unica vez escreveu para o theatro; o seu trabalho incessante e activissimo era destinado s6 aos concertos de orchestra, 6s reuni66es orpheonicas, 6s sess6es restrictas de musica de camara e 6s solemnidades tanto patrioticas

como religiosas. Os applausos do publico mais selecto eram sancionados com as distinc66es honorificas mais raras: o rei da Baviera condecorou-o com a ordem de Maximiliano, a faculdade de philosophia da Academia de Breslau e a Universidade de Cambridge conferiram-lhe o grau de doutor em musica.

As mais bellas obras escriptas por Brahms depois de 1880, foram as seguintes: *Abertura academica* (op. 80); *Abertura tragica* (op. 81); *Xenia*, poesia de Schiller, para coro e orchestra; 2.<sup>o</sup> *Concerto* para piano (op. 83); *Trio em d6 maior*, para piano, violino e violoncello (op. 87); *Quintetto em f6 maior*, para instrumentos de cordas (op. 88); *Canto das Parcas*, poesia de Goethe; 3.<sup>a</sup> *Symphonia*, em fa maior (op. 90); 4.<sup>a</sup> *Symphonia*, em mi menor (op. 98); *Sonata* em fa maior, para piano e violoncello (op. 99); *Sonata* em li menor, para piano e violino (op. 100); *Trio* em d6 maior para piano, violino e violoncello (op. 101); *Concerto* para violino (op. 102); *Sonata*, em r6 menor, para piano e violino (op. 108); 2.<sup>o</sup> *Quintetto* para instrumentos de cordas (op. 111); *Trio* para clarinette, violoncello e piano; *Quintetto* para clarinette, dois violinos, alto e violoncello (op. 115). Estas duas ultimas composi66es com clarinette, foram feitas expressamente para o clarinettista allem6o Muhlfeid, um dos rarissimos tocadores de instrumento de vento que tem conseguido obter celebrade na 6poca presente. Ainda ha pouco tempo, em janeiro de 1895, Brahms escreveu uma *Sonata* para clarinette e piano, que elle mesmo executou com Muhlfeid; foi esta a sua penultima appari66o em publico, pois que a ultima teve logar em mar6o do mesmo anno, dirigindo no conservatorio de Vienna a execu66o da sua *Abertura academica*.

Brahms, al6m da grande sciencia musical, tinha uma erudi66o litteraria pouco commum, mesmo na Allemanha; n6o s6 estudava a s6oamente a litteratura allem6a sen6o tamb6m a estrangeira, applicando-se com especialidade 6 historia e 6 philologia.

Johannes Brahms deixou um projecto de testamento em que legava toda a sua fortuna, assaz consideravel na importancia aproximadamente de cem mil florins, 6 "Sociedade dos Amigos da Musica"; como esse testamento n6o chegou a ser legalmente feito, n6o pode ser cumprido.

N6o foi s6 n'este projectado testamento que o grande musico deixou prova de amor pela arte; ha pouco tempo tinha elle feito donativo de dez mil florins para se crearem bolsas de soccorro em favor dos estudantes



musicos que não tivessem meios para viajar e proseguir os estudos.

Falleceu em 3 de abril de 1897.

A sua sepultura, no cemiterio de Vienna, foi disposta ao lado das de Beethoven e Schubert.

ERNESTO VIEIRA.

## MUSICA RELIGIOSA

(Continuação)

Nos seculos XV e XVI teve esta união da arte religiosa com a profana o seu maior desenvolvimento. Depois, na segunda metade do seculo XVI, nasceu uma forma: o estylo *palestrino*.

A musica *alla Palestrina* foi, desde o seu apparecimento, canonicamente sancionada, e ficou tida como a unica nova forma admissivel a par do cantochão.

Temos pois dois estylos especialmente consagrados á musica religiosa: os cantos de S. Gregorio e os de Palestrina.

Dos primeiros já fizemos a historia e a critica; vejamos o que se offerece dizer sobre os segundos.

O systema empregado por Palestrina consistia no seguinte processo: escolhia uma melodia de cantochão, um hymno, uma antiphona, etc., dando valores determinados e variados ás notas de que ella se compunha, e esta melodia era escripta para a voz que melhor a podesse cantar; as outras vozes faziam contraponto, ora imitando o cantochão ora apresentando pequenos themas que imitavam entre si.

Não foi Palestrina quem inventou este processo; empregavam-o desde muito tempo os contrapontistas flamengos. A maneira porque o grande compositor italiano se serviu d'elle, purificando-o e dando ao conjunto um caracter grandioso, é que o tornou celeberrimo; o facto de banir os themas populares é que lhe grangeou a acquiescencia da auctoridade ecclesiastica.

Logo, a musica palestriniana não tem o seu principal merito na *forma* mas sim na *essencia*. Não foi approvada como a mais sublime manifestação da arte religiosa por ser um contraponto mais ou menos artificial, mas pelas bellissimas e originaes idéas que o seu auctor soube moldar com esse meio.

Morto Palestrina extinguiu-se a fonte que produziu tantas obras primas ainda hoje admiradas. Os seus imitadores foram o que são sempre todos os imitadores, sombras de uma grande luz. Essas sombras enfraque-

ceram pouco a pouco até desaparecerem no ambito de novos focos.

Ficou a forma que vale tanto como outra qualquer.

Porque ha de ser ella preferida?

Baseia-se, como já disse, nos artificios do contraponto. Mas tem elles porventura alguma relação com o sentimento religioso? Não é quando esses artificios adquirem um caracter elevado e são tratados magistralmente que o estylo polyphónico attinge as proporções do sublime e se torna capaz de uma viva expressão?

Não é sabido que fóra das creações do genio, o contraponto não passa de um simples exercicio mechanico? Para que se lhe ha de então dar a preferencia se elle em si mesmo nenhum valor tem sob o ponto de vista puramente esthetico?

Que significa intrinsecamente uma imitação, uma fuga, um canon ou quaesquer combinações do contraponto no acto de exprimir e despertar idéas religiosas?

Absurdo! Absurdo!

Se tal doutrina vencesse, morreria a arte.

Vamos. O exclusivismo que o cantochão não pode adquirir, tambem d'esta vez não deve ser concedido.

Prosigamos.

Apesar de um criterio tão racional e tão simples como aquelle que apresentámos, a auctoridade decretada pela egreja em favor do estylo *alla Palestrina* teve uma grande influencia sobre a musica religiosa, influencia que durou até aos nossos dias.

Foi ella algumas vezes prejudicial nas suas consequencias.

Vou demonstral-o.

ERNESTO VIEIRA.

(Continúa.)

## CONCERTOS

Iniciou a série dos concertos d'esta quinzena, o Club de Lisboa, ao Calvario, que realisou em 3 do corrente mez uma bella audição de musica de varios generos.

Um dos *clous* do programma foi constituido por um sextetto de senhoras em que até o monstruoso contrabaixo era valentemente atacado por uma dama.

Os numeros de canto foram confiados ás sr.<sup>as</sup> D. Erginia Gaspar e D. Maria da Madre de Deus Diniz e ao nosso amigo e distincto amador o sr. Paulo do Quental.

Como solista de piano, apresentou-se a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Ribeiro Cruz que tocou uma nova *Rapsodia portugueza*, de J. de Figueiredo.



Mostrou grande proficiencia na guitarra o sr. Alberto Lima, que em varios trechos conseguiu tirar bom partido do nosso modesto instrumento nacional.

Ao piano de acompanhamento estiveram a sr.<sup>a</sup> D. Olympia de Azevedo e o sr. Borja Araujo.

\*

Uma pequena festa musical que teve lugar no dia 4 no Asylo dos Cegos, merece tambem ficar registada; tomaram parte n'ella os alumnos da Real Academia, Augusto Moraes e Alfredo Mantua, da aula de violino, Claudio Pinlo e João Madeira, da aula de flauta. Algumas senhoras tocaram piano, e alumnas do asylo cantaram e tocaram órgão.

\*

Ao cabo de serios estudos, reapareceu a Sociedade de amadores de musica de camara realisando a sua segunda sessão. Cécil Mackee ausente foi substituido por Antonio Lamas, outro amator não menos entusiasta, dedicado tambem ao ultimo ponto. Executou-se um quartetto do pianista allemão Frederico Gernsheim, natural de Worms e residente em Rotterdam, director do Conservatorio e da Sociedade de amigos de musica que existe n'aquella cidade. Obra solida segundo o gosto do mais severo e pesado germanismo, não conseguiu nem podia conseguir ser grata a ouvidos meridionaes. Dar-nos conhecimento d'ella não foi porém trabalho inutil, pois que visou a um dos principaes fins d'este empreendimento: a instrucção. Segunda obra executada foi o *Adagio* e a *Gondoliera* da 3.<sup>a</sup> *Suite* para violino, de Franz Ries, sobrinho do mais conhecido compositor e pianista Ferdinand Ries; contrastando com a precedente, a ligeireza e graciosidade d'esta composição cahiu no agrado do auditorio, que pediu o prazer d'um *bis*.

E terminando, tivemos o quintetto de Reineke, op. 83, trabalho magistral, de primeira ordem no seu genero, constituindo a parte mais valiosa e ponto culminante da sessão.

Sobre o seu desempenho nada diremos além do que já ficou dito no nosso artigo sobre a primeira apresentação; só devemos accentuar que o estudo continúa com a persistencia possível e aproveitamento evidente.

Ha muito que trabalhar ainda, os interessados bem o sabem; mas ha egualmente que cuidar nos meios accessorios para que o resultado seja mais efficaç. Isto é que será bom não esquecer.

O fim d'este empreendimento é principalmente instructivo. Dirige-se porém essa instrucção a uma pequena parte do publico

e não ao publico em geral; é propriamente uma «instrucção superior», que os executantes recebem durante o estudo e transmitem depois na audição. Logo, para constituir o auditorio não devem ser muitos os «chamados» como no Evangelho, mas sómente aquelles que já estejam «escolhidos». Uma concorrência muito numerosa e promiscua na aula, prejudicará a serenidade da lição.

Além d'isso, esta especialidade da arte requer tambem condições especiaes: uma pequena e elegante sala, comp'etamente resguardada do ruido da rua, com installações commodas e confortaveis, reverencia e attenção por parte dos ouvintes, os quaes devem ali estar com o recolhimento com que se está, não diremos já n'um templo, mas n'um logar de respeito; silencio completo, ausencia absoluta de causas que desviem a attenção não só dos ouvidos, mas tambem da vista e do espirito — taes são as condições necessarias para que uma sessão de musica de camara produza todo o seu effeito. Nem a execução pôde ser summamente cuidadosa, se os executantes veem o auditorio distraído. Sobre os meios de obter taes condições é que os illustres amadores que constituem a actual sociedade devem, ao que nos parece, fazer convergir grande parte dos seus muito louvaveis esforços.

\*

Na noite de 6 deram os srs. Viscondes de Carnaxide em sua casa mais uma audição musical, cujo programma foi um verdadeiro encanto para o escolhido auditorio que teve a fortuna de o apreciar.

Programma em que não figuravam mais do que tres obras, mas d'essas que se impõem á admiração incondicional de toda a gente.

Começou o concerto pela *Quinta sonata* de Beethoven para violino e piano pela sr.<sup>a</sup> D. Alice Dias da Silva e pelo nosso illustre amigo Rey Colaço. Dizer que, tendo de defrontar-se com tão eminente vulto, poude a sympathica e intelligente violinista librar-se por mais de uma vez a grandes alturas, é fazer-lhe a devida justiça, sem intenção elogiosa. Pena foi que por circumstancias alheias á vontade de ambos não podesse ser concluida a peça.

Seguiu-se a deliciosa romança do *Concerto em ré*, de Mozart, que a gentilissima filha dos donos da casa, a sr.<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa, toca como verdadeira artista que é. Foi acompanhada no segundo piano por Colaço.

A terceira parte do concerto foi preenchida com doze numeros do *Stabat Mater*, de Pergolese que a sr.<sup>a</sup> Condessa de Proen-



ça-a-Velha e M.<sup>me</sup> Sarti cantaram como sempre admiravelmente, causando uma viva e inolvidável impressão em todos os que escutaram esta obra prima do famoso napolitano. Ao piano estava o maestro Sarti e ao órgão o sr. Alberto Sousa.

Um sincero bravo a todos.

\*

A 7, a Sociedade de Musica de Camara repetiu o seu segundo concerto no mesmo Salão do Real Colyseu, em homenagem ao eminente professor Rey Colaço, que muito se tem interessado pelos trabalhos d'este corajoso grupo.

A execução dos trechos que compunham o programma mereceu a geral approvação e foi reputada condigna da alta personalidade a quem era consagrada; notou-se mesmo mais firmeza e unidade que na primeira audição.

\*

Uma festa intima, em que a nossa bella e suggestiva Arte teve um papel preponderante, foi a que os srs. Condes de Proença offereceram em sua casa para commemorar a primeira commnção d'uma sua filhinha.

Na impossibilidade de publicar o programma, temos de nos limitar á rapida citação dos nomes que n'elle figuravam. Além da talentosa e amavel doña da casa, cantaram M.<sup>mes</sup> Sarti, Castilho e Pinto da Cunha, M.<sup>elle</sup> Bettencourt e o nosso amigo o sr. Pinto da Cunha.

M.<sup>elle</sup> Baptista de Sousa tocou um *Invenção* de Bach, duas *Masurkas* de Chopin e *Les Bucherons* de Dubois.

O eminente poeta Theophilo Braga illustrou o programma com uma traducção portugueza d'uma ballada de Goethe, *Le Roi des Aulnes*, em que o divino Schubert se inspirou para a composição de uma das suas dolentes melodias.

Esta melodia foi magistralmente interpretada pela sr.<sup>a</sup> Condessa, estando ao piano M.<sup>elle</sup> Baptista de Sousa.

\*

Ao contrario do que nos fôra affirmado por auctoridade que julgavamos competente, houve mais um concerto dado pela Real Academia no salão Portugal, em 8 do corrente.

Que, verdadeiramente, muito secundario foi o contingente que a Academia com a sua orchestra deu para este concerto, pois couberam as honras da noite exclusivamente ás duas primorosas solistas que n'elle se apresentaram: uma violinista, D. Alice Salusse, discipula de Victor Hussla; outra pianista, D. Delphina Pinto, discipula de Hernani Braga.

D. Alice Salusse, que nunca se tinha apre-

sentado em reunião tão numerosa, causou verdadeira surpresa á maior parte da gente, que não esperava um talento já tão esplendidamente desenvolvido. Executou duas peças de bem differente character: o 9.<sup>o</sup> concerto de Beriot e a «Fantasiestuck» de Hussla. Em ambas manifestou eguaes qualidades: afinação rigorosa, estylo serio, expressão sobria, som puro. Facilmente se reconheceu n'aquella attitude firme e execução correcta um bello e pronunciado temperamento de artista, que não exigiria muito para attingir a meta da perfeição.

Dizem nos que a primorosa amadora se retira brevemente para o Brazil. Se tal succede, será descaroavel golpe que prematuramente cortará um auspicio i-simo começo. Mais um ou dois annos de estudo, e teriamos quem podesse dar na America brilhante e vivo testemunho de possuirmos em Lisboa um mestre como Victor Hussla. E esse curto espaço de tempo dar nos-hia ensejo para logarmos algumas vezes mais as permicias de tão peregrino talento.

D. Delphina Pinto, se não foi já uma surpresa por não ser a primeira vez que se apresentou, foi sem duvida um verdadeiro encanto pela inexcedivel perfeição revelada em musica de primeira ordem e de maior difficuldade. Para prova, fiquem registadas as peças executadas, constituindo quasi um programma: «32 variações», de Beethoven; «Preludio e Fuga», de Bach — n.<sup>o</sup> 21, 1.<sup>o</sup> livro do «Cravo bem temperado»; «Passacaille», de Hændel; «Estudo», de Henselt; «Presto» da obra n.<sup>o</sup> 28 de Mendelssohn. E como appendice, para satisfazer os pedidos de *bis*, a marcha nupcial de Grieg e um pequeno trecho de musica ligeira.

Tudo isto executado com a mais perfeita tranquillidade, como quem não tem difficuldades a superar nem perigos a temer, mas tambem com o cuidado e attenção de um espirito reflectido e serio. Quanto a nitidez de execução, nada mais ha que exigir; as notas sahem lhe dos dedos como perolas sahindo do fio, seja deslisando suavemente ligadas, seja articuladas em vigoroso «staccato». Bach, Hændel e Mendelssohn tiveram a melhor interpretação que se póde desejar sob o ponto de vista do mecanismo. O colorido tambem é apropriado, embora não espontaneamente animado; n'este ponto em que devia sentir-se a expressão individual, percebe-se o trabalho do ensino.

Um pouco mais de independencia no sentimento e de calor no sangue, dar nos-ha uma artista perfeita.

Em todo o caso não se attinge o grau de perfeição adquirido, senão á custa de um estudo muito consciencioso e bem dirigido.



D. Delphina Pinto, fôndo-se de parte o seu natural talento sem o qual nada teria conseguido, atesta que Hernani Braga é um mestre digno d'este nome, que sabe o que ensina e ensina o que sabe.

N'este concerto tambem cantou D. Alexandrina Curado, professora a quem já em outra occasião fizemos as referencias que entendemos justas.

Com a segunda apresentação de alumnos realisada no dia 12, encerrou a Real Academia os seus trabalhos de concertos por este anno.

### COLYSEU DOS RECREIOS

Durante os ultimos quinze dias a companhia italiana de Emilio Giovannini cantou pela primeira vez as seguintes operas e operettas: *Lucia di Lammermoor*, *Trovador*, *D. Juanita*, *O Vice-almirante* e *Marina*. Algumas d'ellas tiveram de ser repetidas. As restantes noites de espectáculo diario foram preenchidas com representações de operas ou operettas já ouvidas na ultima quinzena.

As operas do antigo repertorio são indubitavelmente as que mais teem agradado. Ha para isso uma causa: são aquellas em que a soprano Wermez tem melhor ensejo de patentear bellos trabalhos de vocalisação, que lhe teem rendido justas e merecidas ovações. *Dinorah* e *Lucia* são as operas em que fez mais farta colheita de applausos. Em nenhuma d'essas noites deixou ainda de repetir alguma das arias em que o auditorio a applaude calorosa e unanimemente.

A sr.<sup>a</sup> Riera tambem agradou bastante no *Trovador* e o publico não lhe regateou applausos.

Arrigotti, o tenor que até hoje tem tido a seu cargo o desempenho das operas, continúa a grangear o applauso dos frequentadores do Colyseu.

Os restantes artistas da companhia, que nas chronicas anteriores já apontamos, em nada desmereceram do juizo que d'elles fizemos e teem contribuido para dar ás operas e operettas um regular desempenho.

Falla-se na proxima estreia d'um outro tenor e segreda-se que foram contratados artistas para cantar a *Bohème*.

*I Puritani* foi a opera escolhida para o espectáculo d'hontem. Teve um desempenho bastante correcto por parte da sr.<sup>a</sup> Wermez, que foi muito applaudida. A sr.<sup>a</sup>

Alessandro, assim como Arrigotti, Carbonell e Visconti, contribuíram para o regular desempenho da opera e obtiveram chamadas no final do ultimo acto.

Lisboa, 13 de junho.

ESTEVES LISBOA (*Aristes*).



D. Luiza Burnay



No vasto campo da critica, não de todo isento de abrolhos, não ha cousa mais agradável que tomar um vulto que tenazmente se esconde a todas as vistas e se furta com insistencia a todas as demonstrações e collocal-o por alguns momentos em plena luz, na evidencia de uma apreciação despida de lisonjas vãs, serena e justa.

São esses tímidos que a nossa Galeria recebe com grande prazer; os outros exaltam-se geralmente a si proprios e riem-se da critica, principalmente se esta se esquecer um instante de agitar o thuribulo...

Amavel senhora, a quem estas linhas vão endereçadas, perdôe-me V. Ex.<sup>a</sup> se a minha objectiva indiscreta a colloca por um momento em foco. Sirva-me de excusa a grande sinceridade com que eu me curvo, respeitoso, na presença de uma das nossas primeiras professoras e de uma cultora tão distincta d'esse bello instrumento que eu adoro sempre, a pesar ou talvez por causa dos maus tratos porque o vejo passar a cada instante.

Dir-lhe-hei ainda outra cousa; raramente me lembro do seu nome, que lhe não associe o da sua grande amiga, Mad.<sup>elle</sup> Parent, que toda a França venera como um dos seus vultos mais gloriosos, no magisterio musical. Dada a infeliz differença de meios, acho-lhes afinidades notaveis, o mesmo enthusiasmo pelo ensino, a mesma pertinacia na lucta, o mesmo respeito pela grande Arte.

Muito teria que dizer-lhe ainda, mas receio incorrer n'um castigo terrivel — o da sua fina verve que não quisesse perdoar a esta prosa sem pretensões o attentado á sua exagerada modestia.

N'esse campo, seria um homem morto...

SCHAUNARD.



## NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

III

De Lisboa.

Ahi onde está, bem depressa lhe chegaram as desoladoras novas da morte de Sarcey e de Castelar, e agora até mesmo de cá se torna extemporaneo falar de tão tristes casos, mas quero, minha amiga, que ao menos saiba não ter passado despercebido ao meu espirito o luto que dois povos sympathicos e por mim muito amados n'este momento ainda trajam em homenagem a tão queridos mortos...

Sarcey que foi o bom senso e a critica e Castelar que foi a exhuberancia e a graça mereceram bem as lagrimas que por elles choraram; e, embora em regiões diversas de pensamento e de acção, ambos elles serviram a verdade, amaram a justiça e engrandeceram a litteratura.

Pela lingua lucida e honesta de um, pela pa'avra imaginosa e quente de outro, passou sempre o sopro alentador e puro das nobres paixões e dos altos sentimentos e até mesmo quando porventura foram injustos nunca deixaram de ser insinuantes e sobretudo de ser respeitaveis.

Como havia eu pois de esquecer os querida amiga, se com os dois aprendi a divina linguagem por meio da qual se fala de Amor e de Belleza, as eternas harmonias que enchem o mundo e elevam as almas?

\*

E agora para não cuidar que apenas de mortos me occupo, embora taes mortos sejam quasi vivos, pelo menos em nosso coração e em nosso espirito, deixe-me expôr-lhe um assumpto que com certeza não deixa de ser-lhe particularmente grato.

Segundo vii em um dos numeros da *revista*, constituiu-se em Paris uma sociedade erudita, tendo por fim explorar e colleccionar os cantos nacionaes e populares dos diversos paizes.

Chegará tambem a occasião de apparecermos nós quer mostrando o que já fizemos, quer procurando iniciarmo-nos no que outros fazem...

Em geral o publico, reflexo nitido dos elementos que o dirigem, vagamente se deixa embalar pelos mais ou menos harmoniosos rhythmos que aqui e ali lhe atflagam o ouvido, e por instincto cria divinas toadas por onde elle em horas de alegria viva ou de tristeza intima se acostumou a modelar

a palavra e a reproduzir a idéa; mas, pobre cerebro abandonado á ignorancia boçal de seculos, que sabe elle do que lá por fóra o genio moldou em horas de inspiração divina dentro d'essa limitada pauta que sete notas enchem e alguns signaes salpicam?

Uma raça de privilegiados seres que acharam no escriptorio da phantasia esta perola sem preço que se chama o Fado e quem n'este descobriram aquelle que, filho da velha Lisboa, de embarcações e de aventureiros, é conhecido pelo pittoresco designativo de *Fado da Mouraria*, trecho unico de ideal poesia e de suprema dôr, que encerra lá dentro poemas de lagrimas, historias de naufragios, tragedias de paixão, episodios de amores vividos e de sonhos desfeitos, de saudades sem fim e de melancholias sem conto — uma raça assim dotada, e assim brilhante, deixa que quasi só estranhos lhe tenham vindo revelar aos bocados a subtil belleza dos seus cantares e a ineffavel suavidade das suas melodias, não as trabalha e nem sequer as revive!...

E tudo isto porque? Porque nunca a sciencia dos sabios desceu a ella e nunca ella aqueceu o coração d'elles!

Tem esses vividos segregados quasi da filtração efficaz e bem dita de tão sagrada fonte. Tem aquella sido estúpida e criminosamente conservada em absoluta e primitiva selvageria desde a sua affloação á vida...

E no emtanto quem vai por esses caminhos e essas aldeias fóra, quem se detem pelas romarias varias que enchem quasi um largo periodo dos dias dos nossos camponeses, n'esses lindos recantos de verdura e de sol que bordam a terra florida de Portugal, quem uma vez ouviu cantar um rancho de raparigas do Minho ou da Beira, do Alentejo ou do Algarve e alguma noite de lua cheia seguiu por uma estrada atraz do dedilhar dolente de uma guitarra, bem sabe como esta povo scismador e poeta é fundamentalmente, irresistivelmente musical.

Já alguém escreveu ser elle no mundo talvez dos poucos que todos os trabalhos executa ao som mais ou menos embalador de um rhythmo, por isso eu espeo o immenso do que fará a mencionada sociedade quando os artistas que a compõem se lembrarem de espertar aqui os seus confrades portuguezes e os levarem a encetar com vontade e a coordenarem com gosto os preciosos filões que por cá existem dispersos.

Faz d'ella parte um patricio nosso, artista novo, cheio de talento e de enthusiasmo, que velicado de mais a mais pelo espinho acerbo da saudade, visto que e mbora ausente em paragens bellas, nem por isso deixa



de amar a terra que lhe deu o ser, certamente transformará em mais de uma filigrana ideal as pipetas de ouro que aqui vier colher.

Que elle colle o ouvido ao torrão natal e verá que lindas cousas este lhe sabe á dizer.

E depois, minha senhora, V. Ex.<sup>a</sup> que tem dedos de fada quando percorrem o piano, reproduzirá perante os que lá longe a escutam e a applaudem, esses pedaços vivos da alma portugueza, e assim servirá tambem a nossa apezar de tudo estremecida e adoravel patria...

AFFONSO VARGAS.



### Do Estrangeiro

A camara de Londres nomeou uma comissão para dar parecer sobre a criação de um theatro permanente de opera nacional, e essa comissão concluiu que tal criação é necessaria ao desenvolvimento da arte nacional e á educação musical do povo, e que o theatro de Convent-Garden, accessivel só aos millionarios e onde se canta em francez, allemão e italiano, linguas que a maioria dos espectadores não entende, é unicamente um objecto de luxo.

Mais observou a comissão que a musica merece tanto ser animada como a pintura e a esculptura, e que se o Estado paga largas subvenções aos museus e compra por preços fabulosos quadros dos grandes mestres para que o publico possa apreciar-os e receber por este meio uma educação artistica, a mesma razão deve determinar que se estabeleça um theatro permanente de musica, accessivel ao povo, onde se cante em inglez e onde os artistas inglezes tenham um meio de se produzirem e aperfeiçoarem.

A questão pratica tambem não pareceu difficil á comissão; não será preciso um grande auxilio dos cofres publicos, nem talvez elle seja necessario. Segundo calculos muito positivos e rigorosos, uma subscrição de accionistas poderá reunir o capital sufficiente, e esse capital bem administrado produzirá juro remunerador; apenas bastará que a camara ceda gratuitamente o terreno necessario e em sitio conveniente.

\*

Em Berlim funcionam actualmente quatro theatros de opera, todos allemães.

\*

Festejou-se no fim do mez passado, na Russia, o centesimo anniversario do nascimento de Alexis Lwoff, auctor do hymno nacional russo. Lwoff era ajudante-general do imperador Nicolau e cultivava a musica como amator; tocava violino, compoz diversas operas e por algum tempo chegou a dirigir a propria capella da cõrte.

\*

Trata-se activamente na Suissa de organizar uma «Associação dos Compositores Suissos», com o fim de desenvolver a arte nacional e proteger os artistas musicos.

Por toda a parte a nacionalisação da arte em lucta contra o cosmopolitismo; é a nota caracteristica da época.

\*

O nosso collega de Madrid, *La España Musical*, promove uma subscrição nacional para se erigir uma estatua a Eslava.

A idéa é louvavel, pois que Hilarion Eslava foi o maior mestre que tem tido a Hespanha nos tempos modernos; mas poderá realisar-se?

\*

O auctor de um artigo publicado na *Gazeta Musical de Milão*, calcula que em Italia existem 5:000 bandas de musica, civis e militares, formadas por 150:000 executantes.



### Necrologia

Falleceu em Vienna, na idade de 74 annos, Johann Strauss, o auctor das celebres valsas que todo o mundo conhece. Era filho de outro Johann Strauss que tambem adquiriu celebridade como compositor de valsas durante o segundo quartel do seculo que está a findar. Strauss filho não escreveu porém só as valsas conhecidas, e mesmo desde 1863 que tinha abandonado essa especialidade a seus irmãos José e Eduardo. Dedicou-se depois á operetta, obtendo grande exito em Vienna com a «Rainha Indigo», «Fledermaus», «Cagliostro» e outras. O numero das suas composições de dansa sobe a 400, destacando-se de todas ellas a celeberrima valsa — «Bello Danubio azul» — que se tornou em canto nacional para os viennenses e que o doutor Hanslick não duvidou classificar de «Marselheza da Paz».